



Marcio Di Pietro

Lamaison não quis falar sobre os motivos de sua demissão, preferindo arriscar um palpite sobre o jogo da Seleção

Desde o começo, a opção social

Maria Teresa Cruvinel

Nos três anos, dois meses e 26 dias que durou a Administração Lamaison, o Distrito Federal viveu uma das fases de maior autonomia administrativa, desde sua criação, onde prevaleceu a ênfase nos programas de beneficiamento das cidades-satélites, conduzidos da forma mais democrática até então.

Ao tomar posse, Aimé Lamaison concentrou-se na formação de um secretariado tecnicamente competente, principalmente nas pastas da área social, onde conseguiu modificar o perfil anterior do DF. José Carlos Mello, PhD em Engenharia, com notável trajetória na universidade brasileira, e depois na área técnica federal, foi colocado à frente da Secretaria de Viação e Obras, onde deveria imprimir novo ritmo à urbanização e complementação da infra-estrutura viária.

Na pasta da educação, Eurides Brito da Silva, oriunda do MEC, onde sempre esteve ligada ao planejamento educacional, encarregou-se das alterações fundamentais que garantem hoje ao DF um dos sistemas mais eficientes do país, com a maior taxa de alfabetização obrigatória nacional: 92,5%.

Para dinamizar a emperrada máquina da saúde pública, Lamaison contou com a colaboração do médico Jofran Frejat, que iniciou sua carreira

na própria Fundação Hospitalar, e portanto conhecedor "in loco" dos entraves do sistema.

Nessas três áreas, a Administração Lamaison concentrou seu esforço de modernização, respondendo também aos demais problemas sociais antes relegados pelos governos anteriores, mais preocupados com as construções faraônicas no plano piloto, onde investiam as esperanças de suas saídas políticas. Obras como polêmico Parque da Cidade passaram a ter menor prioridade e o controvertido estádio, que Elmo Serejo fez questão de inaugurar inacabado, nos últimos dias de seu governo, permanece até hoje em obras.

LIBERALISMO

No plano político, Lamaison dissipou de imediato os temores de um governo autoritário, fundamentados na sua antiga passagem pela Secretaria de Segurança Pública, onde ficou estigmatizado pela repressão policial que comandou diretamente contra as crises políticas da Universidade de Brasília, atendendo às solicitações de seu amigo José Carlos Azevedo.

A indicação dos administradores regionais das cidades-satélites, pela primeira vez, foi feita com base em consultas às lideranças comunitárias e às frágeis e nascentes instituições de uma

sociedade civil local: associações de classe e empresariais.

Ao longo desses três anos de governo, Lamaison liberalizou também sua relação com os movimentos sociais da cidade. Em 1980, pela primeira vez foi recebida no Palácio do Buriti uma comissão composta por representantes de 23 entidades sindicais e de bairros, que apresentaram um plano alternativo para o sistema de transportes, uma das áreas mais críticas herdadas da administração anterior.

Nessa mesma área, estava agora coroadando este esforço de dotar o DF de um sistema de transporte que realmente refletisse as necessidades da população. No início desse mês, o Secretário de Serviços Públicos, José Geraldo Maciel, realizou uma peregrinação de quase duas semanas por todas as cidades-satélites, ouvindo das lideranças comunitárias as sugestões e reivindicações para a profunda alteração que ainda está em pauta. Entre elas, a possibilidade de que venha a ser quebrado o monopólio das empresas que há mais de 20 anos exploram o transporte coletivo de forma ineficiente.

Esta decisão, que esbarra em fortes interesses políticos e econômicos, seria sua mais audaciosa investida contra as formas tradicionais de governar a capital.